

Um amor maior

de Chiara Lubich

(publicado na Revista Cidade Nova, maio de 2005)

A santidade dele. Também eu posso testemunhá-la pessoalmente. Muitas vezes, depois de uma audiência com ele, tive a impressão de que o céu se abrisse. Vi-me como que diretamente ligada a Deus, numa união com Ele muito densa, sem intermediários. Isso, porque o papa é mediador; mas, depois que une uma pessoa a Deus, desaparece. Compreendi mais profundamente qual é o carisma próprio do papa. As chaves para abrir-nos o céu não lhe servem somente para cancelar nossos pecados; servem também para abrir-nos o Céu, abrindo-nos à união com Deus.

Não é essa, talvez, a explicação daquela alegria, daquele entusiasmo, daquele fascínio que o papa sempre exerceu nos jovens, em milhões de homens e mulheres de todas as raças, culturas, religiões e crenças, que ele encontrou em todo o planeta? E aquelas reviravoltas na história que ele realizou nesses 27 anos? Esse papa transmitia Deus, e Deus "faz novas todas as coisas". Uma "Presença" que foi se tornando tanto mais forte quanto mais grave se fazia o fardo do sofrimento, até a última hora.

Mas, neste instante, não posso deixar de expressar a minha gratidão mais profunda devido às muitas outras portas que aquelas chaves abriram: o papa sempre abriu as portas para as novidades do Espírito, que ele reconheceu também no nosso Movimento, dando-lhe seu contínuo encorajamento e apoio, reconhecendo-o como dádiva de Deus e esperança para os homens.

Na homilia por ocasião do 25º aniversário do seu pontificado, João Paulo II partilhou com toda a Igreja a sua experiência íntima como sucessor de Pedro. Ele confidenciou que a cada dia se desenrolava em seu íntimo o mesmo diálogo que se passou entre Jesus e Pedro. Diante da pergunta "Tu me amas? Tu me amas mais do que estes?", embora consciente de sua fragilidade humana, sentia que o próprio Jesus o encorajava a responder com a mesma confiança de Pedro: "Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo".

A história do Movimento dos Focolares nesses últimos 27 anos é uma prova do "amor maior" que residiu no coração de João Paulo II. Este seu "amor maior" suscitou a nossa reciprocidade, fazendo o papa entrar no mais profundo do coração de cada membro do Movimento. Daí ser impossível dizer com palavras meramente humanas o que ele representou para nós.

Voltam à minha mente muitas lembranças relativas às audiências particulares que ele me concedeu, muitas vezes durante almoços para os quais eu era convidada em sua casa; sua

presença nas nossas manifestações públicas; suas cartas pessoais cheias de caloroso afeto e as delicadas ligações telefônicas com as quais, nos últimos anos, ele me cumprimentou no dia de Santa Clara, e este ano também no meu aniversário. Foram momentos que corresponderam a um marco na história do nosso movimento.

Agora, no momento do falecimento do Santo Padre, ficamos admirados e reconhecidos diante de tanto amor e, ao mesmo tempo, gratos a Deus pelo fato de podermos ter estado a seu lado, ajudando-o, como filhos e "irmã", como se referiu a mim na sua última carta.

Poucos dias após a sua eleição, ele quis conhecer-me e convidou-me a assistir à missa que ele celebraria na sua capela particular. Naquela ocasião, ele tomou conhecimento da difusão do nosso Movimento, por meio de um mapa que lhe apresentei. Nos anos seguintes, com grande alegria, ele veio a conhecer o nosso "povo focolarino", como dizia, em todas as partes do mundo aonde esteve como peregrino. E várias vezes afirmou que a nossa presença era para ele conforto e apoio nas suas viagens apostólicas.

Um dia inesquecível, que permanece entre mais belos da nossa história, foi 19 de agosto 1984, dia da sua visita ao nosso Centro Internacional, em Rocca di Papa. Naquela ocasião, ele não só reconheceu que o amor é "a centelha inspiradora de tudo aquilo que se faz sob o nome de focolare", mas também exprimiu aquilo que nós não ousávamos dizer: afirmou que divisava no nosso Movimento "a mesma fisionomia da Igreja, tal como ela se tinha autodefinido no Concílio Vaticano II".

Outro episódio muito significativo remonta ao dia 23 de setembro de 1985, quando, já de saída, no final de uma audiência, pensando no futuro, tive a ousadia de lhe perguntar: "Considera possível que o presidente do Movimento dos Focolares, desta Obra, que é de Maria, seja sempre uma mulher?". "Sim, respondeu ele, tomara!". E foram também palavras suas - que motivaram aquele "sim" - que fizeram com que, pela primeira vez, se abrisse para mim a nova consciência da Igreja nas suas duas dimensões, petrina e mariana: "Elas estavam presentes na Igreja nascente" - tinha afirmado ele, citando o teólogo Hans Urs von Balthasar - "e devem continuar!"

Foi essa a grande novidade a que o papa se referiu muitas vezes nos anos seguintes. Ele não via o "perfil mariano" da Igreja somente como realidade espiritual ou mística, mas também como realidade histórica. E o testemunhava com os fatos, abrindo as portas às novidades do Espírito.

Experimentamos de modo extraordinário essa abertura sua durante o histórico encontro dos novos Movimentos e Comunidades Eclesiais, na vigília de Pentecostes de 1998, na Praça de São Pedro. Nessa ocasião, ele afirmou que "o aspecto institucional e o aspecto carismático (que é expresso nestas novas realidades da Igreja) são co-essenciais à constituição da Igreja e concorrem (...) para a sua vida, a sua renovação e a santificação do Povo de Deus". A nossa exultação foi imensa.

Desde o início do seu pontificado, o Santo Padre reconheceu na florescência dos movimentos eclesiais "um dos dons do Espírito, espargido para o nosso tempo" e nos "lançou" para sermos, no coração da Igreja, portadores dos carismas recebidos; mas nunca poderíamos imaginar que um dia ele haveria de nos confiar aquele espaço.

Creio que, se os cristãos aceitarem de coração aberto essa autêntica revolução que João Paulo II trouxe ao campo da eclesiologia e forem coerentes com ela, o mundo verá

desenvolvimentos inimagináveis na Esposa de Cristo, porque o Espírito Santo, com os seus carismas, é capaz de renová-la constantemente, torná-la mais viva, mais dinâmica, mais bela, mais aceitável, mais amável, mais próxima a todos.

Existem ainda outros episódios que dizem respeito diretamente ao nosso Movimento e que revelam também o "amor maior" do Santo Padre.

Com o correr dos anos, foram surgindo também entre jovens, famílias, pessoas das mais variadas categorias, anglicanos, luteranos, ortodoxos e membros de outras Igrejas as mesmas vocações que tinham florescido na Obra de Maria entre os católicos. Era uma novidade, longamente estudada por muitos especialistas em Direito Canônico; novidade para a qual parecia impossível encontrar uma solução. A um certo ponto, falei sobre o assunto com o papa, e ele se mostrou muito aberto.

Na segunda audiência sobre a matéria, também dessa vez já de pé, ele me disse, com a sua habitual argúcia: "Entendi. Eu devo dizer: deixem a Obra de Maria assim como ela é, pois ela é de Maria!". E, com isso, a situação se desbloqueou.

Recordo que, naquela noite, de repente me veio um pensamento: "Se existe um ponto que ainda representa um obstáculo no caminho ecumênico, é justamente o ministério papal. Mas quem foi que 'acolheu' os focolarinos de outras Igrejas? Foi justamente o papa". Isso ficará na história.

O Santo Padre foi ainda mais além: por sugestão dele mesmo, há muitos anos também bispos de outras Igrejas passaram a se reunir regularmente, a fim de alimentarem o próprio ministério com a "Espiritualidade da Unidade", já partilhada por muitos bispos católicos, cuja ligação com a Obra de Maria, de forma não jurídica mas espiritual, ele mesmo tinha aprovado.

A esses mesmos bispos ele salientou, em duas ocasiões, que a "Espiritualidade de Comunhão", indicada por ele a toda a Igreja na *Novo millennio ineunte*, caracteriza o nosso Movimento e é até mesmo enriquecida pelo seu testemunho de unidade.

Quando observamos aquilo que o papa fez pela Igreja e pela humanidade, ficamos pasmos. O seu ministério teve uma dimensão tamanha, um peso tamanho e uma influência tamanha, que só com o tempo chegaremos a compreender todo o seu alcance.

O papel providencial que ele desempenhou no início do declínio dos regimes comunistas do Leste Europeu é evidente. Papel que o fez passar também pelo doloroso atentado no qual, como o grão de trigo, quase morreu para produzir muito fruto. Foi um desígnio arcano que o restituiu a nós, milagrosamente ileso e que associou para sempre a sua figura à de Nossa Senhora de Fátima.

E depois, como não recordar sua ousada iniciativa, em vista da paz no mundo, de convocar por duas vezes em Assis os representantes das mais diversas religiões? Foi uma outra verdadeira obra-prima do seu pontificado, que assinalou uma reviravolta na história das relações entre as pessoas de fé.

E poderíamos talvez esquecer os seus encontros festivos com os jovens, encontros que, várias vezes, deixaram o mundo inteiro extasiado, pela sua extraordinária repercussão e amplitude? Os jovens do nosso Movimento intuíram a plena confiança que o papa depositava neles e reconheceram-no como seu próprio líder.

Sim, podemos orgulhar-nos e agradecer ao Espírito Santo por nos ter dado, por longos anos, um papa como João Paulo II, e temos a certeza de que em breve a Igreja o elevará aos

altares.

Correu pelo mundo a notícia de que, ao voltar a si após a operação de traqueostomia, o Santo Padre escreveu numa folha de papel: "Eu sou sempre *Totus Tuus!*".

Este lema "*Totus Tuus*" ["Inteiramente Teu", dirigido a Nossa Senhora] foi a sua verdade vivida, aquela verdade que lhe conferiu um inconfundível timbre mariano e que o tornou tão grande e tão delicadamente humano, tão alto e ao mesmo tempo tão "homem de todos", autêntico "servo dos servos de Deus".